

## CROCHÊ: UM ESPAÇO PARA CRIAR, CONECTAR E CUIDAR

Maria Izabella da Silva Rosa, [m.izabellasr@gmail.com](mailto:m.izabellasr@gmail.com), UFPE  
Júlia Hellen Lira Oliveira, [julialira1521@gmail.com](mailto:julialira1521@gmail.com), UniFafire  
Suzane Bezerra de França, [suzane.franca@upe.br](mailto:suzane.franca@upe.br), UPE

**CATEGORIA:** ( ) Minicurso (X) Oficina

**Nº de vagas (10)**

**Recursos necessários:** Sala de aula

### INTRODUÇÃO

O crochê é uma técnica artesanal que utiliza fios e uma agulha de ponta em formato de gancho para criar peças por meio de laços e nós. Seu nome vem do francês “crochet”, que significa “gancho”. Embora sua origem seja incerta, o primeiro registro é de 1824. (Gomes, 2023), tornando-se tornou uma famosa forma de lazer que conquistou pessoas de todas as idades e gêneros. Além de um passatempo, a técnica tem um papel importante na manutenção da saúde mental, visto que quem o faz estará concentrado na atividade, fora da urgência das redes sociais, e até mesmo sem pensar em seus problemas. A pessoa estará conectada com a ação e consigo mesma, dando espaço para a criação de uma peça que expresse seus sentimentos (Scardoelli;Waidman, 2011).

Apesar de ser uma atividade geralmente individual, o crochê promove a formação de grupos, nos quais os participantes compartilham suas produções, trocam experiências, pedem auxílio e fortalecem vínculos, o que favorece a construção de saberes e o desenvolvimento de habilidades manuais e técnicas. Esse aspecto pode ser compreendido à luz da teoria sócio histórica de Vygotsky, contemplando a zona de desenvolvimento proximal e mediação, diante dos processos de ensino-aprendizagem, assim como Felix (2022) aponta que o ambiente de compartilhamento e acolhimento promovido pela prática do crochê, com mediação por demonstrações, explicações, e encorajamento, possibilita a exploração da criatividade, desenvolvimento integral e construção de novos saberes a partir da bagagem de quem aprende.

Ao fazer uma analogia utilizando um cardápio alimentar, Moran (2018), deixa claro como a repetição dos mesmos ingredientes torna o ato de se alimentar, algo entediante. Da mesma forma, no processo de ensino-aprendizagem, quando são usadas as mesmas estratégias, os estudantes não terão empolgação e curiosidade. Pode-se pensar no crochê como uma estratégia pedagógica, onde há interação, troca de conhecimentos e aprendizagem, superando o viés tecnicista ao englobar aspectos da formação humana, contemplando tanto as diferentes modalidades da educação formal, quanto o aprendizado em espaços não escolares, incluindo da comunidade e a cultura, fortalecendo a criatividade e o senso de pertencimento.

### OBJETIVO

Estimular a criatividade e o desenvolvimento de habilidades manuais para o público em geral, incluindo docentes e discentes, por meio da prática do crochê, criando um espaço de acolhimento e bem-estar coletivo.

## METODOLOGIA

A oficina ocorrerá a partir de uma exposição dialogada, visando favorecer a aproximação do grupo, a comunicação e esclarecimentos acerca da atividade e a integração entre o que será ensinado e aprendido pelos participantes (Oliveira, Marques, Schreck, 2018), utilizando aulas práticas com dinâmicas de grupo voltadas a momentos de reflexão e partilha. A presente oficina terá a duração de 2h, sendo direcionada para o público em geral, incluindo estudantes e docentes, utilizando como materiais linhas, agulhas de crochê, fita métrica e tesoura.

O primeiro momento será direcionado para o conhecimento básico acerca do crochê, a ser apresentados os materiais e os pontos básicos: laçada inicial, correntinha, ponto baixíssimo, ponto baixo, ponto alto e as possibilidades de utilização dos mesmos. Em seguida, visando produzir um marcador de página, uma peça pequena e simples, os participantes vão ser conduzidos de maneira individualizada e em grupo, durante toda oficina os participantes vão ser auxiliados na correção dos pontos, na tensão do fio e nas dúvidas técnicas.

Construindo uma atividade lúdica em grupo com o objetivo de promover a aproximação de uma ferramenta de cuidado da saúde mental e estimular o ócio criativo por meio da prática do crochê. A produção do material poderá ser individual, no entanto sendo permeada continuamente pelo diálogo coletivo criando um espaço de acolhimento, bem-estar e desenvolvimento pessoal e partilhados.

Por fim, será proposto um momento para partilha coletiva, convidando os participantes a um momento de reflexão sobre a experiência vivenciada, destacando os sentimentos, as dificuldades e as percepções sobre o processo de aprendizagem do crochê. Além de estimular mesmo os participantes que não finalizarem suas peças, são estimulados a continuar a produção posteriormente, reforçando a valorização do processo para além do resultado final. Será aplicado um questionário no formulário google para coleta de impressões sobre a oficina, visando aprimorar as próximas ações.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FELIX, J. da C. R. **Crochê e Educação: uma proposta pedagógica prática para transdisciplinaridade no Ifes campus São Mateus**. 2022. 52 f. TCC (Graduação) - Curso de Especialização em Práticas Pedagógicas, Instituto Federal do Espírito Santo, Linhares, 2022.  
GOMES, M. **O que é crochê? Mariana Gomes Crochê**, 2023. Disponível em: <https://marianagomes.art.br/o-que-e-croche/>.

MORAN, J. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. In: Moran J. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso; 2018. Disponível em: [https://moran.eca.usp.br/wp-content/uploads/2013/12/metodologias\\_moran1.pdf](https://moran.eca.usp.br/wp-content/uploads/2013/12/metodologias_moran1.pdf).

OLIVEIRA, M.; MARQUES, F.; COSTA SCHRECK, . S. Aplicação de metodologia ativa no processo de Ensino-Aprendizagem: Relato de experiência. **Revista Eletrônica Pesquiseduca**, [S. l.], v. 9, n. 19, p. 674–684, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/633>.

SCARDOELLI, M. G. da C.; WAIDMAN, M. A. P. "Grupo" de artesanato: espaço favorável à promoção da saúde mental. **Escola Anna Nery**, v. 15, n. 2, p. 291–299, abr. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/8rFYS4NwRtVVwBTPTbGRbKr/?lang=pt>.